

Memória apagada pelo tempo

AJ11.424

JUSSARA BAPTISTA

Monumentos como a Igreja Matriz ainda podem ser visitados, mas grande parte da memória arquitetônica de Guarapari está apenas na lembrança de moradores antigos

As paisagens naturais de Guarapari e o seu conjunto arquitetônico que tanto encantaram o médico Silva Mello – primeiro pesquisador a descobrir a potencialidade medicinal das areias radioativas, na década de 30 –, e que deram projeção nacional ao balneário, só fazem parte hoje da memória de alguns moradores mais antigos e do acervo de 50 fotos da pesquisadora Beatriz Bueno Graeser.

No acervo encontram-se construções antigas, as praias preservadas, as falésias da Praia da Areia Preta, os monumentos históricos, os navios que aportavam no antigo trapiche, a balsa. Boa parte do patrimônio cultural e paisagístico da cidade está perdido devido ao crescimento desordenado, ao descuido do poder público, às invasões e à especulação imobiliária.

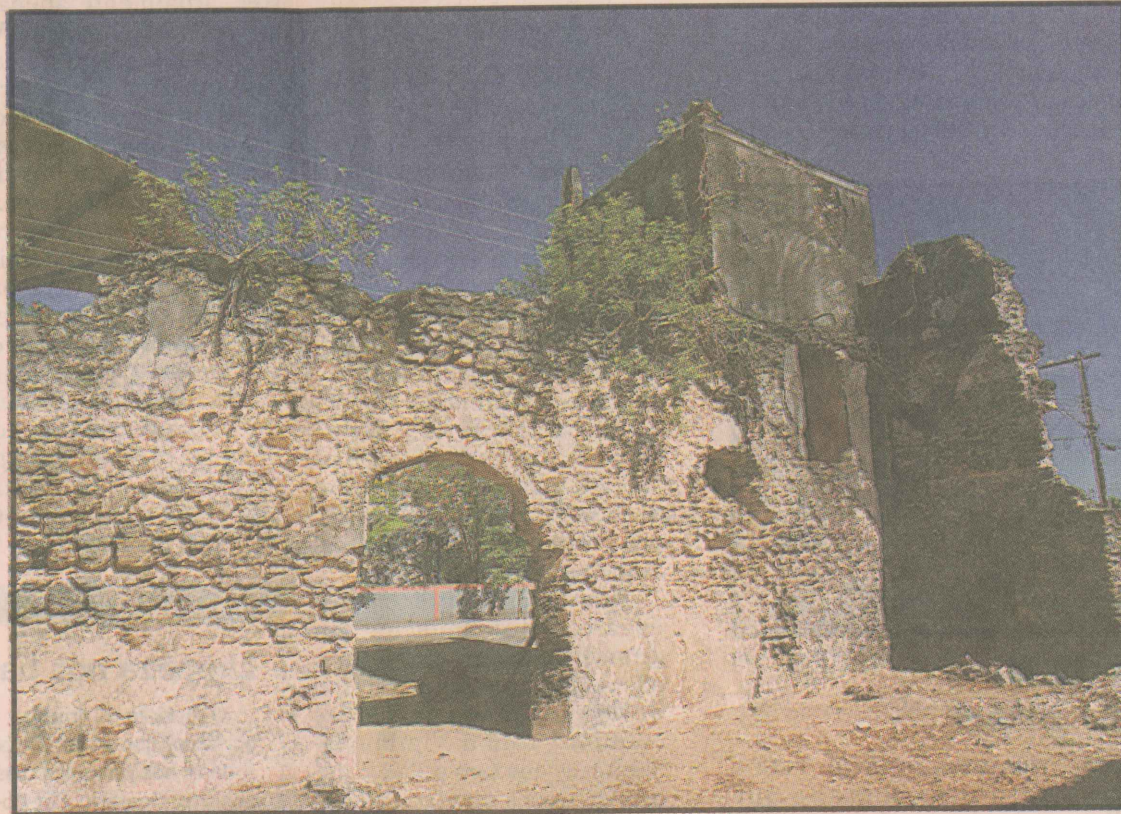
Riqueza

Se estivesse vivo, Silva

Mello – que chegou a publicar um livro, relatando as belezas da cidade: Guarapari, Maravilha da Natureza –, certamente teria o maior desgosto em saber que a cidade, que considerava a mais bonita do país e talvez única em todo o mundo (superando até praias do mediterrâneo francês), perdeu boa parte das suas características naturais.

O pesquisador chegou a presenciar o início da destruição e publicou um artigo chamado Os Bárbaros de Guarapari, em 1954, protestando contra a construção da ponte, o corte de árvores centenárias e a construção dos primeiros prédios.

“A cidade tornou-se burguesa, poeirenta, barulhenta, igual a qualquer outra, perdendo o que tinha de mais bucólico. Foi um crime contra o homem e a natureza, que só os piores burgueses poderão aplaudir”, escreveu.



ABANDONO

As ruínas do templo que seria dedicado a Nossa Senhora da Conceição e que não chegou a ser inaugurado por causa de um incêndio. A construção é de 1677, e pode-se observar a técnica de edificação da época, com pedras sobrepostas, unidas com massa de argila, óleo de baleia e conchas trituradas.

Fotos de Claudney Pessôa

Visita ao que restou exige paciência

De acordo com a pesquisadora Beatriz Bueno Graeser, que estuda a história de Guarapari desde 1983, as areias radioativas perderam mais de 50% da atividade, devido à urbanização e ao excesso de prédios. Jazidas dos minerais chegaram a ser literalmente soterradas na Praia do Morro, sob os prédios que surgiram da noite para o dia na década de 80.

Os que restou dos prédios históricos está perdido entre a arquitetura moderna. Quem for turista e tiver interesse em conhecê-los, além das praias, deve primeiro ter muita paciência. Não há qualquer sinalização e a Casa da Cultura, não funciona mais como posto de informação turística.

A única das três fontes dos jesuítas, construída em 1585, na fundação da cidade, e que não foi derrubada, está escondida entre o mato, na Praia da Fonte. Na subida do morro da delegacia, uma escada irregular, aberta no barranco por facão, leva a um dos marcos da presença dos religiosos na cidade.

“A fonte de água potável foi usada por várias décadas, até os anos 80, pelas lavadeiras da cidade, na época da falta d’água”, conta Beatriz que iniciou o estudo por não conseguir o tombamento da fonte pelo Conselho Estadual de Cultura. “Eles disseram que eu deveria ter um embasamento”, explicou.

As ruínas da igreja – templo que seria dedicado à Nossa Senhora da Conceição, datado de 1677 e que não chegou a ser inaugurado em função de um incêndio – também estão abandonadas. Na construção, é possível observar a técnica utilizada na época, nas



Claudney Pessôa

Demonstração

A pesquisadora Beatriz Graeser orienta turistas durante uma visita feita ao que restou de uma das três fontes da época dos jesuítas, edificada na cidade

OS MONUMENTOS

CASA DA CULTURA

Fica na praça Jerônimo Monteiro, no Centro. Prédio de mais de 150 anos, que serviu como sede da prefeitura, câmara dos vereadores e cadeia pública.

VELHA MATRIZ

Uma das primeiras construções da cidade, datada de 1585, época da fundação de Guarapari pelo beato José de Anchieta. Em 1878, foi reformada e recebeu detalhes

barrocos. Fica na parte da alta do Centro de Guarapari.

RUÍNAS DA IGREJA

A construção, que serviu de cemitério e horta de alunos da escola pública, perdeu parte significativa com um desmoronamento no ano passado.

POÇO DA FONTE

Único que restou de muitos construídos pelos jesuítas.

Abasteceu a cidade por muitos anos, na época da falta d’água. Fica na nascente da Praia da Fonte, à beira da estrada do Morro da Delegacia.

GRUTINHA DA SANT’ANA

Próximo à Igreja Matriz. Construída em 1942 para abrigar as imagens de Nossa Senhora de Lourdes e Bernadete. Em 1991, sofreu uma reforma, depois de anos de abandono.

pedras sobrepostas, unidas por uma massa feita de barro, areia, conchas trituradas e óleo de baleia.

Uma parte significativa do prédio desmoronou no ano passado, sem que até o momento houvesse qualquer movimento para restauração.

Apenas dois prédios históricos foram conservados: a Igreja Velha Matriz, de 1585, erguida pelo padre Anchieta, e a atual Casa da Cultura, que foi antiga sede da prefeitura, câmara dos vereadores e cadeia pública.

Mesmo assim, as sucessi-

vas reformas descaracterizaram os imóveis. Beatriz conta que conseguiu as fotos com os moradores antigos da cidade. Todas estão emolduradas e guardadas no seu guarda-roupa. “Não consegui um espaço para fazer uma exposição”, disse ela.

Cemitério inspirou novela da ‘Rede Globo’

A história da inauguração do primeiro cemitério de Guarapari, localizado próximo à Praia da Virtudes, faz parte do folclore da cidade. Conta-se que ele foi construído em 1906, mas em função da fama de Cidade Saúde, por dez anos, nenhum morto foi encontrado para

sua inauguração. Em 1916, o prefeito e os vereadores resolveram importar um “defunto” de Benevente, hoje Anchieta, para que fosse possível realizar a solenidade de inauguração.

De acordo com a pesquisadora Beatriz Graeser, a história, que virou lenda en-

tre os moradores de Guarapari, serviu de inspiração para que o escritor Dias Gomes reproduzisse fato semelhante na novela “O Bem Amado”, que imortalizou o personagem Teodorico Paraguassú, interpretado por Paulo Gracindo.

Na trama, Teodorico for-

jou a própria morte para inaugurar o cemitério da cidade, um dos seus sonhos. O ator chegou a participar da inauguração do cemitério novo de Guarapari no bairro Coronado, no final da década de 70, a convite do então prefeito, Hugo Borges.

Cavalgada atrai turistas em Piúma

ENILDO DOS SANTOS

Cavalar em meio às pastagens, plantações, alagados, florestas, cachoeiras e rios de uma das regiões rurais mais bonitas do litoral Sul, o Vale do Orobó, em Piúma, é uma das atividades preferidas dos turistas que buscam alternativas de lazer fora das praias.

Os passeios, que tiveram início há cinco anos, restritos aos hóspedes de uma pousada, tornaram-se sucesso entre os visitantes do balneário.

O empresário Adir Vieira Brunini Gomes, 36 anos, disse que quando iniciou as cavalgadas no Haras Monta Aghá tinha por objetivo, principalmente no dias nublados e sem praia, buscar entretenimento para os hóspedes. “Com o tempo, aumentou o interesse dos visitantes do Vale que vinham conhecer a pousada”, conta Adir Brunini, que tem um plantel com 30 animais.

O secretário de Turismo, Valdir Falcão, disse que as cavalgadas no Vale do Orobó integram um dos roteiros turístico mais importante da cidade. “Trata-se de um lugar de rara beleza. Parece o Pantanal”, compara Falcão. Segundo ele, os turistas, quando permanecem longo tempo na praia, podem ficar entediados.

A cavalgada tem em média três horas de duração. Atravessa dois rios - Rio Novo e Rio Iconha que formam

o Rio Piúma - e passa dentro de 15 fazendas, onde há muito gado, instalações como currais, plantações de diversas espécies de florestas de mata atlântica intocada.

Muitos pássaros, aquáticos como irerê, socó, gavião carcará e revoadas das garças, tornam o local semelhante ao Pantanal do Mato Grosso. Há ainda a Cachoeira de Baixo Pongal, em Anchieta e até alguns trechos de praia em Piúma, Lagoa do Garamonde, localidades de Gomes, São João de Ibitiba e Itinga. Mas tudo depende da opção do grupo em relação ao roteiro.

O guia Odair José Neves Costa, 25 anos, é conhecedor da região e dos animais. Muito calmo, ele convence aos principiantes como Viviam Fernandes Balbino, 18, a montar um cavalo manga larga. Diz que os animais são mansos, pois foram adestrados e selecionados para servirem de montarias para crianças, idosos e adultos inexperientes.

Rochelli Scherri, 19 e Ketyla Bayerl, 21, experientes, gostam da aventura.

A cavalgada custa R\$24,00 para os hóspedes da pousada Haras Monte Aghá e R\$30,00 para visitantes. Os contatos podem ser feitos pelo site www.harasmonteagha.com.br, pelo telefone (28) 3520 1363 ou no bairro Monte Aghá, em Piúma.



Enildo dos Santos

Natureza

No Vale do Orobó, as pessoas se divertem, vivendo uma aventura tipicamente rural